



## (DES)COMUNICAÇÃO EM UNIDADE ONCO-HEMATOLÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Eixo Horizontal: EH4: EQUIPES DE SAÚDE  
Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Leonardo Almeida Maciel; Paulo Henrique de Assis; Antonio Darlan Nogueira da Silva; Jéssica Paiva Façanha da Silva;

Segundo o Ministério da Saúde, em 2018, 582 mil casos novos de câncer foram registrados no Brasil, índice que pode aumentar em 78% nos próximos 20 anos. Entre os tipos de câncer, as leucemias agudas possuem determinadas especificidades: início abrupto dos sintomas e necessidade de tratamento imediato; alto índice de mortalidade; risco de recidiva; replanejamento do tratamento face ao insucesso terapêutico; alto índice de intercorrências graves; coexistência de chance de cura e risco de morte durante o tratamento; necessidade de manter tratamento medicamentoso para manter a vida. Tais características afetam a vida do enfermo em todas as suas dimensões. Diante desses aspectos, a forma como o diagnóstico e o tratamento eleito é comunicado pela equipe faz a diferença em relação ao sentimento de acolhimento e adesão ao tratamento. Comunicação pode ser entendida como prática social que advém da interação entre seres humanos, expressa por meio de aspectos verbais e não-verbais. No âmbito da saúde se configura em estratégia para informar e influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades no sentido de promoverem a sua saúde. O presente trabalho tem como objetivo expor a experiência de residentes no eixo da comunicação em saúde em ambiente hospitalar, além de indicar a importância da Psicologia nesse contexto. Trata-se de um relato de experiência de residentes de psicologia, do programa de Residência Multiprofissional em sua inserção nas enfermarias em unidade onco-hematológica de um hospital universitário, em Fortaleza/CE. Observou-se, no relacionamento entre equipe, pacientes e familiares, obstáculos a uma comunicação terapêutica, com a repetição de elementos comunicativos inadequados, como falsa tranquilização, comunicar-se unidirecionalmente, mudar de assunto subitamente, julgar o comportamento dos pacientes, uso de linguagem inacessível e tecnicista e sugestões que não podem ser cumpridas. Tais padrões ineficientes podem influir no aparecimento de comportamentos desadaptativos nos pacientes e familiares, demandando atuação por parte do psicólogo. No entanto, quando se estabelece uma comunicação efetiva, pacientes e familiares se sentem acolhidos e seguros, enfrentam melhor os desafios presentes e as implicações futuras, corresponsabilizam-se pelo tratamento e adquirem novos padrões de comportamento para lidar com a doença. Para tal comunicação efetiva, muitas vezes o psicólogo assume papel de articulador, auxiliando na comunicação dos sinais que o paciente está emitindo, e que poderá afetar seu tratamento e sua recuperação, à equipe, assim como auxiliar à mesma na manutenção de uma comunicação assertiva, dirimindo os estímulos ansiogênicos atrelados a pensamentos disfuncionais decorrentes de uma comunicação falha. Conclui-se diante das vivências expostas que falar sobre o câncer e a possibilidade da morte é assustador e difícil, mesmo para os profissionais mais experientes, e que a comunicação entre pacientes, equipes e familiares diante de leucemias agudas, se torna ainda mais delicada, demandando maior empatia, clareza e sensibilidade. Entretanto o psicólogo, pela sua capacidade analítica e comunicativa, própria de sua formação, desempenha importante papel nesse contexto, auxiliando no estreitamento de vínculos na tríade equipe-paciente-família por meio do estímulo à comunicação terapêutica.